



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Gay Talese em sua melhor forma

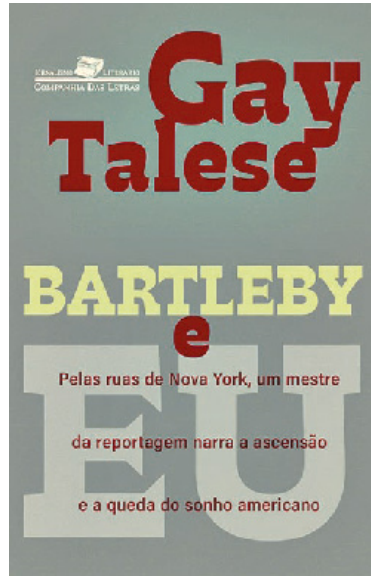
O lendário e incomparável jornalista e escritor Gay Talese nasceu em 1932 em Ocean City, Nova Jersey, e há mais de sete décadas exerce seu ofício em Nova York. É um dos principais e mais premiados jornalistas mundiais. *Bartleby e eu* (Companhia das Letras, 336 páginas, R\$ 99,90), traz ficção com tons memorialísticos, uma reportagem sobre Frank Sinatra e um texto inédito sobre episódio estranho em Manhattan. Foi lançado há pouco e mostra um dos criadores do novo jornalismo, ou jornalismo literário, em ótima forma. Pela Companhia, Gay já lançou os livros *Honra teu pai*, *A mulher do próximo*, *O voyeur*, *Vida de Escritor*, *Fama & Anonimato* e *O reino e o poder*.

Bartleby e eu, texto que dá título à obra e que é a primeira parte, tem como fio condutor o genial conto *Bartleby, o Escriturário*, de Hermann Melville, autor de *Moby Dick*. A partir do conto, Talese reconstitui sua tra-

jetória como narrador de vidas comuns. Na contramão da imprensa, prefere o anônimo à celebridade, o simples ao grandioso, o trivial ao extraordinário.

A segunda parte do volume, em forma de reportagem, traz a famosa entrevista que Talese fez com Frank Sinatra, sem encontrar ou conversar com o astro. Talese ficou um mês em Los Angeles tentando ser recebido por Frank. Tomou chás de cadeira por causa da agenda e de um resfriado do cantor e encontrou a célebre saída: traçou o perfil de Frank sem falar com ele. Usou retratos de anônimos que o cercavam e batizou o texto de *Frank Sinatra está resfriado*. O texto é um dos mais famosos do *new journalism* e escancara o fascínio de Talese, mestre em contar histórias, pelos invisíveis mesmo ao tratar de celebridades.

A última parte da obra é uma reportagem inédita, *O Brown-stone do dr. Bartha*, que mostra a trajetória insólita de



um médico imigrante que preferiu explodir-se com o predinho em que vivia a dividir a propriedade com a ex-esposa. A imprensa sensacionalista se fartou com o caso, Talese deu-lhe justa densidade trágica.

Talese disse: "Nova York é uma cidade de coisas despercebidas". Não para ele, claro.

e palavras...

DE QUE AMBIENTALISMO ME HABLAS?

Existe ambientalismo sério e científico, baseado em dados do IPCC da ONU, universidades e centros de pesquisa confiáveis, e ele não costuma mentir. Ele alerta sobre aquecimento global, desmatamento, perda de biodiversidade e poluição e geralmente está respaldado por medições e consenso científico.

Já o ambientalismo ideológico - ou midiático, em alguns casos - pode cair em exageros retóricos, simplificando dados complexos, escolhendo exemplos extremos ou omitindo incertezas. Ele é acusado de ser alarmista, especialmente quando sua intenção é mobilizar emoções ou apoio político, mais do que informar com precisão.

Temos exemplos históricos dos dois tipos, como o buraco na camada de ozônio (anos 1980) e o aquecimento global e aumento de eventos extremos, que mostraram-se ambientalismo sério. Quanto a desmatamento amazônico e perda de biodiversidade, algumas previsões não foram confirmadas.

Exemplos de ambientalismo com alertas exagerados ou mal comunicados: "a terra vai congelar em 2000" (anos 1970); o petróleo vai acabar em 30 anos (décadas de 1970-80); o mar vai engolir cidades inteiras em vinte anos (anos 1990). No primeiro caso, mau uso da ciência e de imprensa alarmista. No segundo, erro de previsão por simplificação. No terceiro, problema de prazo e dramatização.

Guia Politicamente Incorreto do Meio Ambiente (Avis Rara, 256 páginas, R\$ 55,00), de Leandro Narloch, mestre em filosofia pelo Birkbeck College, University of London, jornalista, escritor e criador da série de *Guias Politicamente*

Incorretos, ex-editor da revista Superinteressante, repórter da Veja e colunista de Crusoé, Folha de São Paulo e Gazeta do Povo, é um deboche fundamentado do ambientalismo alarmista e vem em momento oportuno: a COP30. Leandro alerta para os discursos sem conteúdo e ação, dados sobre petróleo e Índia e outras questões que, para ele, podem tornar a COP o Oscar do narcisismo climático.

Os guias politicamente incorretos de Leandro sobre História, Economia e Política brasileiras já venderam mais de um milhão de exemplares e claro que enfureceram ativistas e historiadores militantes.

Neste guia para buscarmos um pouco mais de informação o autor fala de petróleo, de como pensam os ambientalistas sobre o "efeito CNN", analistas de ESG e obsessão com o Apocalipse. O autor fala da Amazônia e acha que a mineração industrial é um bom caminho para protegê-la. Na obra, o autor fala das vantagens ambientais do plástico, de ficções climáticas, dos mercadores do fim do mundo, de verdades sujas sobre o lixo, de choque de realidade, de justiça climática e para onde vai o dinheiro dessa justiça. Neste capítulo o autor fala sobre como os países ricos evitaram o apocalipse.

Com base em muitas pesquisas e leituras, o autor mostra que nem tudo está errado e que a mecanização do campo, a mineração, as cidades e a indústria não podem ser vistos de modo maniqueísta. Para ele, é possível admirar os avanços e a civilização ocidental e, ao mesmo tempo, dar atenção ao meio ambiente, sem mentiras, falácias, alarmismos interesseiros e exagerados.

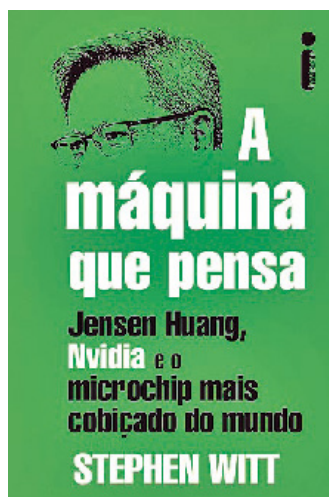
lançamentos



► **A Mesa da Sala** (Literarte, 66 páginas), de Maria Rosa Fontebasso, Doutora em Educação pela Ufrgs e professora universitária aposentada, traz contos com inspiração em sua origem italiana, envolvendo personagens, cenários e histórias pungentes da rica e importantíssima imigração italiana no RS, que completou 150 anos em maio passado.



► **O Dia D de Churchill – A história dos bastidores** (Planeta do Brasil, 336 páginas, R\$ 109,00), de Allen Packwood, arquivista do acervo de Churchill Archives Centre, e do general Richard Dannatt, oficial sênior aposentado do Exército Britânico e ex-chefe do Estado Maior, traz as complexidades de Churchill, a força de sua liderança e o planejamento certo da maior operação terrestre, aérea e naval já executada.



► **A máquina que pensa** (Editora Intrínseca, 272 páginas, R\$ 54,00), de Stephen Witt, matemático, jornalista e escritor, traz a ascensão extraordinária da Nvidia e de seu visionário CEO, Jensen Huang, que criou o microchip mais cobiçado do mundo. Como uma fabricante de videogames se transformou na força motriz da revolução da inteligência artificial?

a propósito...

Narloch, no final do livro, diz que o ambientalista típico não costuma se entusiasmar com os termos 'progresso' e 'riqueza', mas que deveria. Para ele, justamente isso protegeu as pessoas contra os caprichos da natureza. O autor fala em construir o futuro sem medo, com progresso, criatividade e abundância. Diz Narloch que o

melhor que podemos fazer para nos proteger das ameaças e das injustiças do clima é enriquecer - e deixar os outros enriquecerem. Ciência, verdade, desenvolvimento sustentável e cautela com alarmistas e pessoas que faturam com retórica política, partidária e midiática é o que precisamos.

(Jaime Cimenti)